REVISTA DIGITAL ACADÊMICO MUNDO

TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO E INDECÊNCIA NA OBRA DE MARCELLA ALTHAUS-REID

LIBERATION THEOLOGY AND INDECENCY IN THE WORK OF MARCELLA ALTHAUS-REID

TEOLOGÍA DE LA LIBERACIÓN E INDECENCIA EN LA OBRA DE MARCELLA ALTHAUS-REID

https://doi.org/10.56238/ramv20n17-006

Data de submissão: 08/06/2026 **Data de publicação:** 23/07/2026

Thaisla Isabella da Silva Pinheiro
Graduada em História
Instituição: Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo estudar as características que compõem a formação do conceito de Teologia Indecente formulada no ano 2000 pela teóloga Marcella Althaus-Reid. Este artigo busca entender e diferenciar se a autora está propondo uma nova teologia, a Teologia Indecente, ou se seu texto e a sua Teologia Indecente formam um movimento crítico que busca trazer um novo olhar para realidades marginalizadas latino-americanas, através da observação dos efeitos que a religiosidade cristã têm nas práticas sexuais e nas vivências de mulheres e pessoas queer. Como fonte de pesquisa nos servirá o livro de Althaus-Reid chamado "Indecent Theology: Theological perversions in sex, gender and politics" [NOTA 1] publicado no ano 2000. Do livro, serão abstraídos os assuntos trabalhados na introdução, no capítulo um intitulado de "Indecent proposals for women who would like to do theology without using underwear" e também no capítulo cinco "Big economic measures: conceptualising global erection processes." A periodização da pesquisa está relacionada ao início do século XXI, momento da publicação do livro de Althaus-Reid e o surgimento de um novo olhar sobre a diversidade, a democracia e a defesa de novas identidades. Esta pesquisa está relacionada à articulação entre história das religiões, história política e feminismo.

Palavras-chave: S: Teologia Indecente. Teologia da Libertação. Althaus Reid. Mulheres.

ABSTRACT

This research aims to study the characteristics that constitute the concept of Indecent Theology, formulated in the year 2000 by theologian Marcella Althaus-Reid. This article seeks to understand and differentiate whether the author is proposing a new theology, Indecent Theology, or whether her text and her Indecent Theology form a critical movement that seeks to bring a new look on marginalized Latin American realities, through observation of the effects that Christian religiosity has on the sexual practices and experiences of women and queer people. As a source of research, we will use the book by Althaus-Reid named "Indecent Theology: Theological Perversions in Sex, Gender and Politics" published in 2000. From the book, the subjects discussed in the introduction shall be discussed, as well as chapter one, entitled "Indecent proposals for women who would like to do theology without using

underwear" and also chapter five "Big economic measures: conceptualizing global erection processes". The periodization of this research is related to the beginning of the 21st century, the moment of the launch of Althaus-Reid's book and the emergence of a new perspective on diversity, democracy and the defense of new identities. This research is related to the articulation between the history of religions, political history and feminism.

Keywords: Indecent Theology. Liberation Theology. Althaus-Reid. Women.

RESUMEN

Esta investigación tiene como objetivo estudiar las características que constituyen el concepto de Teología Indecente, formulado en el año 2000 por la teóloga Marcella Althaus-Reid. Este artículo busca entender y diferenciar si la autora está proponiendo una nueva teología, la Teología Indecente, o si su texto y su Teología Indecente forman un movimiento crítico que busca traer una nueva perspectiva sobre las realidades marginalizadas de América Latina, a través de la observación de los efectos que la religiosidad cristiana tiene en las prácticas sexuales y las experiencias de mujeres y personas queer. Como fuente de investigación utilizaremos el libro de Althaus-Reid llamado "Indecent Theology: Theological Perversions in Sex, Gender and Politics" publicado en 2000. Del libro, se abstraerán los temas trabajados en la introducción, en el capítulo uno titulado "Indecent proposals for women who would like to do theology without using underwear" y también en el capítulo cinco "Big economic measures: conceptualizing global erection processes". La periodización de esta investigación está relacionada con el inicio del siglo XXI, momento de la publicación del libro de Althaus-Reid y la emergencia de una nueva perspectiva sobre la diversidad, la democracia y la defensa de nuevas identidades. Esta investigación está relacionada con la articulación entre historia de las religiones, historia política y feminismo.

Palabras clave: Teología Indecente. Teología de la Liberación. Althaus-Reid. Mujeres.

1 INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa, objetiva-se estudar as características que compõem a formação do conceito de Teologia Indecente. A proposta é entender e diferenciar se a autora realmente está propondo uma nova teologia, ou, se seu texto é um movimento crítico que busca trazer um novo olhar para realidades marginalizadas na América Latina, através da observação dos efeitos que a religiosidade cristã, após o movimento da teologia da libertação, tem nas práticas sexuais e nas vivências de mulheres e pessoas queer. Irei estudar o conceito de Teologia Indecente, elaborado pela teóloga argentina Marcella Althaus-Reid. Utilizarei como fonte o livro de Althaus-Reid chamado "Indecent Theology: Theological perversions in sex, gender and politics", publicado no ano 2000, que representou um marco para os estudos teológicos. Como este artigo objetiva observar se a Teologia Indecente é uma nova proposta teológica ou um movimento crítico, escolhi dentro do livro analisar criticamente a introdução, o capítulo um: "Indecent proposals for women who would like to do theology without using underwear"[1] e o capítulo cinco: "Big economic measures: conceptualising global erection processes"[2] pois são nestes três componentes da obra onde a autora explicita suas ideias quanto ao tema trabalhado. O livro observa a teologia da libertação sob uma ótica nova que percebe alguns dos efeitos da lógica cristã dentro da vivência de mulheres latinoamericanas, suas experiências sexuais e identidades. A proposta do livro é "pensar a teologia sem usar roupa íntima", como define a autora na introdução.

A hipótese inicial é a de que a intelectual teóloga Althaus-Reid tenha desenvolvido um conceito de teologia ou um movimento crítico diante da questão das identidades multifacetadas e de uma modernidade múltipla (inserir aqui uma nota de rodapé indicando que este conceito é de Eisenstadt). Tal conceito, ao que tudo indica, foi elaborado a partir de uma crítica à teologia da libertação construída por teólogos latino-americanos. A periodização da pesquisa está relacionada ao início do século XXI, momento da publicação do livro de Althaus-Reid, onde havia um contexto de um novo olhar sobre a diversidade e a defesa de novas identidades.

Marcella Althaus-Reid é uma intelectual e teóloga importante para os estudos da teologia da libertação no século XXI e também para estudos teológicos que englobam gênero e identidades marginalizadas dentro do cristianismo. Althaus-Reid nasceu em Rosário, Argentina em 1952 e Teologia Indecente é seu primeiro livro publicado, seguido por outros notáveis trabalhos como: "Deus

[1] Propostas indecentes para mulheres que gostariam de fazer teologia sem o uso de roupa íntima. (Tradução nossa)
[2] Grandes medidas econômicas: Conceitualizando processos globais de ereção. (Tradução Nossa)

Queer: Sexualidade e Teologia da Libertação" (2003) e "From feminist theology to indecent theology: readings on poverty, sexual identity and God"[3] (2004). Althaus-Reid faleceu no ano de 2009 com 57 anos. O livro Indecent Theology, desde seu lançamento foi um trabalho que gerou várias polêmicas e discussões no campo da teologia. Em uma entrevista de 2009, dada ao repórter Moisés Sbardelotto, o teólogo Ivan Petrella considera que existe a teologia da libertação anterior e posterior às publicações de Althaus-Reid.[4] A escrita da autora é, em vários momentos, provocativa podendo até ser considerada blasfêmia em alguns pontos, como veremos mais à frente no texto. A autora faz muitas provocações de cunho sexual, que desafiam a normalidade e a decência até então propostas em estudos teológicos.

Os objetivos específicos dessa pesquisa serão: caracterizar o conceito de Teologia da Libertação e analisar as características que compõem a formação do conceito de Teologia Feminista da Libertação (Teologia Indecente) no livro "Indecent Theology: Theological Pervesions in Sex, Gender and Politics". Procuro identificar qual movimento teórico o texto está fazendo com relação aos conteúdos citados acima.

A pesquisa também está relacionada à articulação entre história das religiões e história política e como base de referencial teórico para o estudo das religiões irei usar os autores Pierre Bourdieu, Aline Coutrot e Peter Berger.

Pierre Bourdieu em sua obra *A Economia das Trocas Simbólicas* discute as relações entre o campo de poder político e o religioso e argumenta que estes poderes são intra-subversivos, ou seja, as ordens vigentes sempre usam do artifício da religião predominante para se legitimar politicamente e vice-versa. Nesse contexto, Bourdieu é autor muito útil na análise do conceito de Teologia Indecente pois seus estudos abrem o caminho para o entendimento de como as práticas religiosas da teologia da libertação, apesar de terem um viés mais familiarizado com a esquerda, ainda mantiveram certos padrões opressivos às mulheres e outras minorias sociais (BOURDIEU, 2007, P. 70-72).

A autora Aline Coutrot no artigo 'Religião e Política", na obra "Por uma História Política" organizada por René Rémond, também nos ajuda a entender tais conceitos ao trabalhar as relações entre religião e política como sendo fundamentais para entender os pilares de sustentação da sociedade. Ela toma como base para o estudo o cristianismo, visto que é a principal religião das sociedades ocidentais, e diz que ele legitima as imposições da sociedade ao oferecer julgamentos sobre o modo

[3] De teologia feminista à teologia indecente: Leituras sobre pobreza, identidade sexual e Deus" (Tradução nossa).
[4] https://www.ihu.unisinos.br/20442

de vida dos fiéis, e os constrange, perante si mesmos, a igreja e a sociedade, a viverem dentro de certos padrões (COUTROT, 2003,p.335).

Dentre os autores para pensar a política dentro dessa pesquisa, estão também Shmuel Eisenstadt e Pierre Rosanvallon.

Eisenstadt fala de modernidades múltiplas e da presença das religiões (também na América Latina) dentro de modernidades diferentes (EISENSTADT, 2000, p.140-142). A obra de Althaus-Reid está situada dentro de uma lógica de presença das religiões no espaço público e da interferência do religioso na vida das mulheres, nas suas vivências, nas suas escolhas sexuais, portanto dentro conexa a temas relativos à modernidade - como liberdade e igualdade de direitos.

Pierre Rosanvallon na obra "Por uma História conceitual do Político" define a natureza do político e da política como sendo uma modalidade comum da existência em sociedade. Entender estes conceitos postos pelo autor será importante para a pesquisa ao passo que possibilita a compreensão das relações postas no livro de Marcella Althaus-Reid, na medida em traz argumentos sobre a liberdade, a igualdade de direitos e as diferenças sociais (ROSANVALLON, 2010, p.73)

Neste sentido, também utilizaremos como referência o autor Peter Berger, no capítulo "Religião e Modernidades Múltiplas" do livro "*Os múltiplos altares da modernidade"*. Neste livro, o autor dialoga com a tese do sociólogo israelente Shmuel Eisenstadt sobre as múltiplas modernidades, segundo as quais a modernização não é um processo uniforme ou homogêneo em escala global, mas sim que há variadas trajetórias e formas de modernidade. Em cima disso, Berger argumenta que cada sociedade incorpora a modernidade dentro de si de acordo com seu sistema de valores, sistema religioso e político, e isso tem resultados variados dependendo da sociedade. Em suas palavras:

> Uma vez que o discurso secular foi estabelecido, tanto nas mentes dos indivíduos quanto na sociedade, é inevitável que haverá disputas de fronteiras. Os secularistas radicais, cuja cosmovisão foi legitimada filosoficamente desde o Iluminismo, negarão que haja um problema de fronteiras. O pensamento racional, tal como eles o entendem, é a única forma válida de conhecimento; qualquer outro discurso, inclusive aquele que está no centro da maioria das religiões, é uma superstição (BERGER, 2017, p.149)

No texto, Peter Berger cita vários exemplos, como o da Arábia Saudita que, após reconhecer o telefone celular como um instrumento secular de comunicação, o inseriu na sociedade mas ainda mantendo um regime político e social extremamente conservador e pautado na religiosidade. Também deu o exemplo de Israel com as escolas ultraortodoxas judaicas, onde o modelo de judaísmo ultraortodoxo vem crescendo e segundo o autor isso poderia provocar problemas futuros, visto que a

ISSN: 2318-1494

ultra ortodoxia é totalmente anti-secular e uma sociedade anti-secular não poderia se desenvolver de maneira estável dentro do sistema capitalista global vigente. Um dos exemplos mais interessantes propostos é aquele dado sobre a coexistência entre espaço religioso e secular nos Estados Unidos, onde em alguns casos, o sistema judiciário foi forçado a decidir o que era ou não ciência. Este texto nos ajuda a entender que as relações entre o poder político, a economia e a religiosidade não estão distantes em suas relações, o que é uma compreensão fundamental para a obra principal trabalhada nesta pesquisa visto que ela toca diretamente na relação entre religião-indivíduo-sociedade.

Como Marcella Althaus-Reid é uma intelectual (autora que pensa criticamente a realidade) é preciso defini-la teoricamente enquanto tal. O autor Jean-François Sirinelli no artigo “Os intelectuais" (1996, p.242) define como intelectuais pessoas que são receptoras e produtoras ou mediadoras de cultura e de conhecimento, como filósofos, jornalistas, professores e estudantes.

A pesquisa tem também relevância social pois contribui para colocar em evidência a produção de uma teologia escrita por uma mulher, teóloga feminista, numa área quase totalmente dominada pelos teólogos homens e que fundamentam as suas argumentações teológicos-religiosas também sobre a questão de gênero. Farei isso ao dar visibilidade e ao estudar criticamente o conceito de Teologia Indecente em Althaus-Reid.

Justificamos também a nossa pesquisa a partir da tentativa de contribuir com os estudos acadêmicos sobre a intelectual teóloga Althaus-Reid. A nossa ideia surgiu a partir, em primeiro lugar, da conferência proferida pela professora e historiadora argentina Claudia Touris sobre a importância e a obra da autora Marcella Althaus-Reid, em fevereiro de 2022 no II Seminário Internacional de História e Catolicismo no Mundo Contemporâneo (RHC)[5]. O título da conferência foi “Religión, política y Teología Indecente. A propósito de la polémica por la ópera Theodora y la obra de Marcella Althaus-Reid”. A partir da fala da professora Claudia Touris mantive contato com o professor orientador dessa pesquisa, Cândido Moreira Rodrigues, o qual me indicou o presente tema para estudar a partir da análise da obra Indecent Theology” (2000).

Assim, a nossa pesquisa foi desenvolvida por meio de estudo bibliográfico e da análise da nossa fonte, o livro Indecent Theology: Theological perversions in sex, gender and politics.

[5] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=V2CRZidB_lU . Acesso em: 10/04/2022

2 TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO: ELEMENTOS HISTÓRICOS

Para Michael Löwy, em seu artigo "O catolicismo latino-americano radicalizado", o catolicismo latino-americano radicalizado é um exercício teológico de reinterpretação do novo testamento da bíblia cristã, que ocorre em conjunto com a solidificação da teologia da libertação na América Latina. Neste momento, o catolicismo passava por uma reestruturação de seus ideais e também uma reestruturação de discurso. A narrativa católica passava agora a criticar o liberalismo e o capitalismo ao adotar como modelo de redenção a figura explorada da classe trabalhadora, a qual o autor se refere como sendo o "pobretariado". A mudança de discurso ocorreu ao mesmo tempo que a América Latina passava por sua própria revolução industrial e concretizava a formação da sua classe trabalhadora. A teologia da libertação então ocupa um espaço de reparar as injustiças sofridas a essa classe pelo sistema vigente, pregando que Deus os salvará e reparará as consequências indevidas. Justifica-se essa ideia com a passagem do Êxodo, onde Abraão abre o mar vermelho e os hebreus passam, deixando uma vida de trabalho e condições indignas de lado, sendo conduzidos à sua salvação, assim como, é dever da classe trabalhadora se conscientizar de sua condição tanto material quanto espiritual e se conduzir à salvação (LÖWY, 1989, p.50-59).

Ainda para Löwy, a teologia da libertação é o um movimento que começa como uma reflexão acerca de como as diretrizes católicas estavam conduzindo seu discurso religioso, estavam analisando com quem seu discurso se comunicava e a forma como o catolicismo estava sendo empenhado e pregado até aquele ponto. Foi também uma reformulação das práticas católicas, que visavam acompanhar a américa latina nas suas novas conformidades sociais e econômicas, já que o afastamento das massas, que era mantido desde algumas décadas antes, não tinha se mostrado muito efetivo e o protestantismo crescia em número de fiéis. A Teologia da Libertação buscou aproximar o cristianismo católico das camadas mais populares. O autor também trabalha com o conceito de "Cristianismo da Libertação", um movimento um pouco anterior ao surgimento da Teologia da Libertação, porém um pouco mais abrangente e informal. O cristianismo da libertação não iria então se referir apenas ao catolicismo mas também a todas as reflexões que estavam surgindo conjuntas acerca do procedimento das práticas cristãs.

> Proponho chamá-lo de Cristianismo da Libertação, por ser um conceito mais amplo que "teologia " ou "Igreja" e incluir tanto a cultura religiosa e a rede social, quanto a fé e a prática. Dizer que se trata de um movimento social não significa necessariamente dizer que ele é um órgão "integrado" e "bem coordenado", mas apenas que tem, como outros movimentos

> semelhantes (feminismo, ecologia etc.) uma certa capacidade de mobilizar as pessoas ao redor de objetivos comuns" (LÖWY, 2016, p.74).

A relação do cristianismo da libertação com a modernidade também é demarcada por Löwy:

> Minha hipótese é que a originalidade da Teologia da Libertação resulta precisamente de uma síntese que supera (alguns diriam "dialeticamente") a oposição clássica entre tradição e modernidade. A Teologia da Libertação e o Cristianismo da Libertação são, ao mesmo tempo, o ponto mais avançado da corrente modernista na Igreja Católica e herdeiros da desconfiança católica tradicional – ou intransigente, para usar a terminologia de Émile Poulat – da modernidade (LÖWY, 2016, p.99).

O autor Marcelo Camurça trata brevemente da biografia de Leonardo Boff e Frei Betto, dois importantes agentes precursores da Teologia da Libertação no Brasil. A Teologia da Libertação no Brasil começa a ganhar força entre 1970 e 1980: a ascensão das ideias de esquerda e marxistas em escala mundial alinhadas à uma necessidade de mudança de discurso pela qual passava a fé católica, (tanto entre membros do clero quanto leigos) fomentou o cenário perfeito para os acontecimentos que se seguiram. Boff e Frei Betto eram adeptos aos ideais de revolução e alinhavam os ideais marxistas à sua fé. No momento em que as pautas identitárias e demais movimentos sociais ganhavam força, como o movimento das mulheres, movimento negro, movimento indígena, movimento do proletariado, entre outros, alguns agentes da Igreja Católica começam a participar desses debates (como Frei Betto e Leonardo Boff) e as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) também ganhavam forma e mudavam lentamente a forma de se pensar religião e Política. Frei Betto e Boff possuem histórico de engajamento em pautas políticas e sociais, dessa forma, procuravam promover a ideia de que os oprimidos eram os principais agentes da sua própria libertação, algo que antes era visto pela igreja católica como vontade divina - agora era uma luta de fé através do social. Se os oprimidos se libertassem do sistema opressor capitalista nesse reino mundano, também estariam libertos para adentrar o reino dos céus. Outro ponto comentado pelo autor é a questão da mística ecológica, neste aspecto, a preocupação com o social transcende as pautas da natureza humana e se foca num plano maior: a manutenção do equilíbrio da natureza, defesa do planeta e de seus recursos não somente como luta anticapitalista e de libertação dos oprimidos, mas também como algo que acompanha a moral religiosa cristã em defesa da vida, dos oprimidos e do direito à graça maior divina (CAMURÇA, 2007,p. 387-408). Assim, compreender um pouco do percurso da Teologia da Libertação no Brasil nos ajuda também a compreender a obra de Marcela Althous Reid, visto que os escritos da teóloga argentina se relacionam com os mesmos princípios e debates.

Em um dossiê na revista Sociedade e C, autores como Michel Lowy, Flávio Munhoz Sofiati e Luis Martínez Andrade discorrem sobre as diferenças entre cristianismo da libertação e teologia da libertação, com objetivo de discutir as diferenças entre si assim como seus impactos e influências na america Latina; bem como a interseção entre a religião e a política na Argentina, mostrando como as práticas teológicas e político-religiosas se entrelaçam e influenciam umas às outras (LOWY; SOFIATI; ANDRADE, 2020)[6].

O artigo *O fio da memória: Práticas teológicas e político-religiosas do catolicismo da libertação na Argentina,* escrito por Verónica Giménez Béliveau e Marcos Andrés Carbonelli irá abordar as práticas teológicas e político-religiosas do movimento do Catolicismo da Libertação na Argentina e também o encontro da Teologia da Libertação com a Teologia do Povo e o momento em que ambas surgem e se convergem. O artigo examina como a Teologia da Libertação influenciou as práticas de católicos que estavam comprometidos com a justiça social na Argentina e exploram a maneira que a Teologia da Libertação dá ênfase à preocupação com pessoas pobres e marginalizadas. E também como essa perspectiva direciona o engajamento político dos católicos e explora como o movimento se desenvolve no contexto argentino de ditaduras militares e movimentos sociais. Outro aspecto interessante é que o artigo remonta um pouco ao contexto político da Argentina pré, durante e após a efervescência da Teologia da Libertação, e também como estava a situação dos seminários, dos leigos e dos intelectuais católicos.

Os autores analisam a interseção entre a religião e a política, mostrando como as crenças religiosas podem motivar ação política e engajamento social e também como a Teologia da Libertação foi interpretada e praticada por diferentes grupos e figuras religiosas católicas na Argentina. Destaca a importância da memória coletiva e das práticas religiosas na resistência à opressão e na formação da Teologia da Libertação. Enfatiza a complexidade das relações entre a religião e a política na Argentina, bem como a diversidade de abordagens dentro do movimento do Catolicismo da Libertação e oferece novos pontos de vista sobre como a Teologia da Libertação influenciou os elementos mencionados na Argentina e contribuiu para o entendimento das interações entre religião, justiça social e engajamento político (BÉLIVEAU; CARBONELLI, 2020).

Sendo assim, tais referências nos são muito úteis para compreender o contexto diante do qual a intelectual teóloga Althaus-Reid produz as suas reflexões na obra *Indecent Theology*.

[6] A esse respeito consultar também MCGEORCH (2020); LANZA; ASSIS; PATROCÍNIO (2020); KONING (2020) e SILVA;BATISTA (20220).

3 TEOLOGIA FEMINISTA DA LIBERTAÇÃO NA OBRA "INDECENT THEOLOGY"

A Teologia Indecente de Marcella Althaus-Reid, enquanto obra e teologia é mencionada no artigo *Teologia da Libertação e as Mulheres* da freira, filósofa, teóloga e feminista Ivone Gebara. Neste artigo, a autora propõe uma reflexão acerca de como (e se) a teologia da libertação teria sido libertadora também para as mulheres. No artigo a autora diz que a Teologia da Libertação em seu desenvolvimento e prática vivenciou uma tensão com a sexualidade humana e principalmente com as expressões de sexualidades femininas, e ao fazê-lo, também se constituiu enquanto um agente de opressão e não de libertação, ao passo que não respondia ou oferecia reflexões às questões acerca da violência de gênero.

> Ao falar da tensão com a sexualidade humana na teologia da libertação, quero referir-me também ao quase ocultamento das diversas formas de violência presentes nessa realidade humana e de maneira especial para com as suas vítimas. É como se a sexualidade não fosse algo integrante do conjunto da vida e fosse também marcada pela violência institucionalizada. Por isso a denúncia das mulheres feministas contra a consideração dessa realidade como periférica não foi aceita (GEBARA, 2020, p.12).

Ivone Gebara habilmente defende uma teologia feminista, ainda que esta tenha sua rudimentação nas lacunas da teologia da libertação. Para ela a existência de uma teologia que acalente as questões femininas ignoradas pelos teólogos da libertação se faz fundamental em qualquer teologia que busque a libertação da classe operária. A crítica presente em seu artigo é categórica ao pontuar que o recorte apenas de classes nunca foi suficiente para englobar a população pobre, visto que metade desta é mulher. A crítica também se apresenta na relação que a Teologia da Libertação se propusera a ter com a pureza do corpo: a autora questiona se isso é condizente com a classe alvo, uma vez que está entrelaçada com o ideal patriarcal (do qual a teologia da libertação nunca se propôs efetivamente a mudar). Vejamos:

> Por isso, podemos dizer que as mulheres eram os sujeitos mais interessados na revolução sexual, uma vez que eram as maiores vítimas do sistema patriarcal repressivo. Apesar disso, a sexualidade foi tema periférico na teologia da libertação. Não parecia ser importante para a libertação social e política e para as grandes causas sociais da América Latina da época. Ao falar dos pobres, se limitava sua pobreza à dimensão econômica e não às relações sociais e interpessoais em que a vivência da sexualidade era fundamental (GEBARA, 2020, p.11).

No decorrer do artigo, a autora também debate a coexistência da teologia da libertação com outros temas importantes que cercam a modernidade, como a questão ambiental por exemplo. A autora questiona qual seria a teologia que iria englobar o cuidado com o planeta, as questões patriarcais

intrínsecas ao catolicismo e outros problemas vivenciados atualmente. Dentro dessas questões, Ivone Gebara enfatiza a necessidade de uma evolução e uma busca constante por aprimoramento intelectual dentro das novas teologias e enfatiza a necessidade de existência das mesmas. Ela justifica no artigo a existência de teologias feministas e a importância de teólogas como Althaus-Reid e suas propostas.

Em 2004 Marcella Althaus-Reid foi entrevistada pela jornalista Eliane Brum para uma edição da Revista Época (329) e nesta entrevista, quatro anos após o lançamento da obra *Teologia Indecente*, a autora tece comentários sobre seus posicionamentos em relação à Igreja Católica, teologia feminista e sua opinião de que a teologia da libertação é autoritária. Quando indagada sobre esta última, Althaus-Reid responde:

> Tem estrutura colonial, da Igreja europeia. O pobre é visto como o nativo, a criança, o inocente. Tem de ser pobre e inocente, não pode ser pobre e gay. Tem de ser pai de família. As mulheres têm de dizer obrigada, padre, o senhor é muito amável. Mas o pobre rebelde, que não diz por favor, mas diz "me dá o que eu preciso", instala toda uma tensão de poder. O teólogo da libertação é paternal, é bom, sempre concede, não te trata por igual. Aí há um problema. Eu sempre digo: onde estão os discípulos de Leonardo Boff, de Gustavo Gutiérrez? Não há. Nem sequer formaram discípulos porque são muito centrados em si mesmos" (ALTHAUS-REID, 2004.)

Nessa entrevista, Althaus-Reid ainda diz que a teologia indecente por ela proposta se difere das teologias feministas, não se dando na igualdade mas se criando e vivendo nas diferenças. Althaus-Reid propõe um Deus que não habita as instituições previamente estabelecidas pela Igreja Católica como a heteronormatividade, o patriarcado ou até mesmo a monogamia. Althaus-Reid propõe um Deus livre de amarras previamente construídas. A autora faz muitas provocações no que diz respeito à decência no ideário social e como viveu durante a ditadura militar na Argentina diz que o discurso do que era decente ou não se fazia muito presente na opressão. Por isso se propôs a questionar se o que os militares faziam (estupro, corrupção, tortura, abuso de poder) era decente, então ela gostaria de ser excluída da narrativa da decência e ser indecente. É sob essas ideias que o título de *Teologia Indecente* se faz presente.

> Eu vivi na Argentina durante toda a ditadura militar. A dialética decente-indecente foi muito importante para minha geração. Os militares tinham uma moral sexual muito restrita. E tudo isso no meio de um discurso político, mas também religioso: o discurso da decência. E nada mais indecente, no sentido ruim da palavra, do que o que eles diziam e faziam. Então eu tomo o oposto. Se isso é decente, então sou indecente. Não quero incluir-me. Eu quero permanecer às margens e quero reivindicar um Deus que é marginal. Sou indecente, graças a Deus (ALTHAUS-REID, 2004).

Partimos então para a análise documental do livro *Indecent Theology* (2000) de Althaus-Reid Althaus-Reid. Na introdução do livro a autora faz provocações que nos fornecem um vislumbre de suas intenções e propostas com a obra. Uma das partes mais importantes da introdução, que segue mencionada em vários capítulos, é como a autora fala sobre as vendedoras de limão das ruas de Buenos-Aires. As *Lemon Vendors* são uma alegoria às mulheres pobres e marginalizadas latino-americanas, que serão parte do foco central do livro no que diz respeito à teologia. A autora é bastante descritiva e é capaz de criar um cenário de observação onde convida os leitores a se imaginarem nas ruas de Buenos-Aires. Vendo as feirantes vendedoras de limão, observando seu sotaque, seus cabelos e corpos e então provoca: será que é possível sentir o cheiro do sexo dessas mulheres, misturado com o fresco aroma dos limões que elas vendem e de onde tiram seu sustento? Caso essas mulheres fossem para a Igreja, ainda sentiríamos o cheiro de seu sexo, ou apenas dos limões? Essa é uma provocação inicial feita por Althaus-Reid e é mais amplamente abordada no primeiro capítulo.

Nesta introdução, a autora fala sobre uma "outra parte" de Buenos Aires, aquela de Buenos Aires de pessoas pobres e marginalizadas, a parte da cidade onde se reúnem para xingar partes da Igreja Católica e os políticos, e é com esta "outra parte" que a *Teologia Indecente* por ela proposta irá dialogar. Não apenas nas camadas marginalizadas, mas sim em suas questões sexuais que não foram abraçadas pela Teologia da Libertação, segundo seu olhar.

Althaus-Reid se considera uma teóloga da libertação de linha de pensamento decolonial. Ela teve sua formação em teologia quando o movimento ganhava força durante a ditadura argentina (1976-1983). Se propõe a preencher as lacunas deixadas pela Teologia da Libertação com a Teologia Indecente, se dispõe a explicar a fundo a Teologia da Libertação e o colapso de metanarrativas na América Latina e também justificar as diferenças entre Teologia da Libertação, Teologia Feminista da Libertação e a Teologia indecente. Nesse sentido, a autora diz que:

> O objetivo neste livro não é detonar a Teologia da Libertação à la Europea (de uma forma acadêmica europeia), mas explorar em profundidade o círculo hermenêutico contextual da suspeita, questionando o contexto tradicional da libertação da teologia. Desta forma, o projeto da Teologia Indecente representa tanto uma continuação da Teologia da Libertação como uma ruptura da mesma (ALTHAUS-REID, 2000, p.6).

Na introdução do livro Althaus-Reid também esclarece o seu foco na sexualidade ao abordar as camadas pobres, as mesmas englobadas pelos teólogos da libertação. Para a autora, toda teologia é inerentemente sexual, mesmo que este fator esteja incluso na omissão do tema. A autora diz que as

experiências sexuais de mulheres pobres e pessoas queer os tornam fiéis diferentes dos fiéis participantes das instituições sociais heteronormativas e binárias. Em seu discurso, há uma sutil exotização dessas pessoas e de suas experiências e não fica claro se a abordagem irá englobar as diferenças culturais e sociais presentes nesses grupos, pois mesmo que sejam uma camada conjunta da sociedade, não se pode homogeneizá-la em todos os aspectos de análise.

No capítulo 1, intitulado de "Propostas indecentes para mulheres que gostariam de fazer teologia sem o uso de roupa íntima" a autora inicia discutindo a ruptura de metanarrativas dentro da América Latina, que ocorreu com a colonização. A cultura, a religiosidade e todos os aspectos sociais que envolviam os povos originários foram afetados pela invasão colonizadora, mas o que propicia a ruptura da metanarrativa desses povos em favor do surgimento de metanarrativas eurocentristas, é a cristianização do território latino-americano. A autora usa nomes como Gramsci, Lacan e Lyotard para auxiliá-la em suas análises socioeconômicas, políticas e culturais dentro deste capítulo.[7] A autora irá destacar que, embora as metanarrativas tenham sido substituídas por discursos autoritários e reducionistas, a desconstrução e a busca por novas formas de questionar e compreender a realidade são inevitáveis. Althaus-Reid argumenta que o colapso das metanarrativas na América Latina teve também um grande impacto na construção da ordem social, especialmente no que diz respeito às narrativas religiosas e sexuais. Ela discute como essas, que eram discursos que sustentavam a vida cotidiana, entraram em colapso devido à colonização e à imposição de narrativas europeias, destacando que metanarrativas religiosas, como o cristianismo, foram usadas para justificar a exploração econômica e a opressão social na América Latina. A partir da ideia de que o cristianismo abre portas para essas "novas" narrativas, a autora se propõe a discutir como estes fatores se relacionam com a Teologia da Libertação e se essa realmente promove a libertação das classes subalternas, uma vez que clama ser focada nessas populações.

> Não estou afirmando que as metanarrativas dos povos originários eram melhores ou piores que as europeias. Não, só estou dizendo que os processos naturais de desconstrução nunca aconteceram e as pessoas foram brutalizadas para com metanarrativas cristãs e discursos econômicos através de forças criminosas. Narrativas de exploração popular e submissão das mulheres na america latina não mudou, pelo menos não substancialmente (ALTHAUS-REID, 2000, p.12).

[7] Como este é um trabalho de graduação, a análise desses autores ficaria muito extensa dentro do artigo, então, pretendemos desenvolver melhor estas questões dentro de uma tese de mestrado.

Para a autora, a Teologia da Libertação, apesar de apresentar uma nova abordagem, não conseguiu romper com as instâncias principais que estavam atreladas às opressões dos pobres na América Latina. Althaus-Reid, depois de contextualizar o cenário latino americano, discute o que seria a indecência e a decência teológica. A primeira seria uma forma de fazer teologia que desafiasse todas as imposições europeias e não apenas as que fossem convenientes para a época. A autora discute sobre como o conceito de decência utilizado por militares durante a ditadura argentina pouco tinha a ver com moralidade: os militares julgavam decente a exploração econômica dos pobres, a objetificação feminina e a opressão de qualquer orientação sexual ou identidade de gênero que contradissesse a heteronormatividade e a binariedade socialmente impostas. Se isto era ser decente, uma teologia que buscasse a libertação dos pobres deveria então ser indecente. A teologia decente para Althaus-Reid era aquela que não quebrava de fato com as metanarrativas européias; poderia discordar de alguns ideais mas simbioticamente ainda eram conectadas e um dos fatores de conexão apontados por ela é o patriarcado e a objetificação da mulher.

Nesse sentido, Althaus-Reid classifica a Teologia da Libertação como uma teologia decente. A teologia da libertação em sua opinião falha com a própria proposta de existência ao não questionar o sexo dentro da teologia. As metanarrativas cristãs não estavam alheiamente interligadas com o capitalismo, eram dependentes. A ideia cristã vendida de que o papel da mulher era ser uma reprodutora, a proibição do divórcio, a proibição de casamentos que não fossem heterossexuais, não acontecia aleatoriamente; existiam tais concepções pois elas se tornavam úteis à produção de capital e à dominação e exploração econômica dos pobres. As mulheres eram reprodutoras pois o sistema precisava de novos corpos para explorar, o casamento não heterossexual não produzia filhos, e assim por diante. A teologia da libertação, segundo Althaus-Reid, ao não questionar os dogmas sexuais da Igreja, que também eram uma ferramenta de opressão atrelada à produção de capital, falhou em seu propósito de ser libertadora para os pobres. “Seria ingênuo considerar que a Teologia da Libertação foi indecente, ou seja, que rompeu com o imaginário sexual da teologia ocidental ao utilizar a análise de classe” (ALTHAUS-REID, 2000, p.22).[8] Na visão de Althaus-Reid, o ponto de libertação restringiu-se ao campo das ideias e apenas o recorte de classes não era suficiente. A teologia da libertação não tocou na questão do aborto, um grande agravante para a saúde de mulheres periféricas, como as vendedoras de limão, por um exemplo. Aqui, é possível dialogar com o que diz Aline Coutrot no artigo

[8] Na visão da autora, indecente é que rompe completamente com narrativas opressoras e eurocêntricas, e decente seria o que corrobora com estas.

Religião e Política, a autora diz que “No último século, as relações entre religião e política não pararam de se modificar, mas não é certo que tenham se desentendido” (COUTROT, 2003, p.357). As relações entre a opressão imposta pelo capitalismo e a vida em sociedade dos mais pobres, não foram simplesmente rompidas com a Teologia da Libertação.

Ainda dentro do capítulo 1 a autora faz alguns levantamentos interessantes sobre a cultura latino-americana e a questão da decência. Fala sobre o carnaval brasileiro e critica a teologia da libertação por não incluí-lo em sua análise. Vejamos: “Transgressões políticas e sexuais são a agenda dos carnavais, mas o tema dos carnavais, os pobres, tem sido obliterado na Teologia da Libertação” (ALTHAUS-REID, 2000, p.25). Neste ponto, a meu ver, a autora deixa passar o fato que existe uma pluralidade cultural muito grande dentro do carnaval, principalmente se tratando do carnaval brasileiro, e essa pluralidade está em diferentes classes. Manifestações de religiões não cristãs como umbanda e candomblé também estão muito presentes no carnaval quando tratamos do Brasil. Além de tudo, nem todas as pessoas pobres estão, ou desejam ser incluídas em uma narrativa cristã, ou até mesmo uma narrativa religiosa. Ela apresenta um estereótipo de carnaval brasileiro.

Ainda no capítulo 1, Althaus-Reid comenta sobre a figura de Maria, mãe de Jesus, na teologia feminista e na libertação de mulheres. Vale ressaltar que dentro da denominação religiosa em que a autora se situa (enquanto cristã católica e teóloga da libertação) este capítulo, principalmente no que tange às questões envolvendo a figura de Maria, alguns comentários podem ser considerados blasfemos. Como por exemplo:

> Para mim, se a Virgem Maria tivesse patas em vez de mãos e a sua vagina estivesse no seu ouvido, tornando assim mais fácil para a Palavra de Deus, o Logos, 'dizer a sua Palavra' e penetrá-la, não faria qualquer diferença teológica (ALTHAUS-REID, 2000, p.39).

Para a autora, no caso da Teologia feminista da Libertação, a figura de Maria estar relacionada à liberação feminina é irônico, pois Maria não tem nenhum tipo de autonomia sobre seu corpo, é engravidada por Deus (mas sem relações sexuais) é intocada por seu marido, e constantemente é posta em sacrifício pelos homens que a rodeiam.

> Escolher Maria como uma crítica teológica feminista de partida é outro exemplo de métodos idealistas numa teologia que é supostamente influenciada pelo marxismo. (...) alguém se pergunta como uma teologia de mulheres pode começar com Maria (...) Um mito de uma mulher sem vagina que revela de forma hilária o fato de que metade da humanidade foi construída em torno de ideias de simulacros fantasmagóricos (ALTHAUS-REID, 2000, p.39).

Estes comentários levam à crítica final do capítulo 1 posta também à Teologia Feminista e à obra de Ivone Gebara e Maria Clara Bingemer - Mary, Mother of God, Mother of the poor.[9] Aqui a autora discute a abordagem da Teologia Mariana na América Latina, apontando para um uso constante de ideologia e uma falta de análise materialista séria da consciência mariana falsa na região. Destaca que o trabalho de Ivone Gebara e Maria Clara Bingemer em "Mary, Mother of God, Mother of the Poor" é um exemplo consistente dessa abordagem. O texto também critica a falta de referências antropológicas e filosóficas na obra de Gebara e Bingemer, apesar de sua tentativa de desenvolver uma antropologia realista em oposição à visão idealista predominante. Argumenta que a aliança entre mulheres latino-americanas e Maria, dada a complexidade simbólica da figura, pode ser problemática para alcançar uma perspectiva realista. Além disso, aponta que as autoras não exploram fontes relevantes em antropologia marxista e materialista feminista dos anos 1960, que poderiam ter enriquecido sua abordagem. Também critica a adesão a certos postulados da Teologia da Libertação, que podem não se aplicar adequadamente à complexidade da mariologia.[10]

Althaus-Reid diz que a Mariologia é uma força poderosa na América Latina, mas destaca a necessidade de uma abordagem mais crítica e contextual para desafiar as fundações políticas e sexuais da região. Adverte sobre o perigo da adoração acrítica de Maria, que pode perpetuar construções de gênero e fé que não correspondem à realidade das mulheres pobres latino-americanas. Nessa parte do texto, a autora sugere uma transição da antropologia para uma abordagem chamada de Mujerologia, que iria enfatizar a valorização das diferenças em vez de igualdades. Ela argumenta que discursos baseados em igualdade muitas vezes são determinados pelo centro e não consideram as perspectivas das margens. A Mujerologia buscaria compreender a mulher latino-americana sujeita ao discurso mariano, sem reduzi-la à categoria de "pobre". O capítulo também critica a tendência da teologia em homogeneizar a sexualidade, especialmente a das mulheres pobres, e transformá-la em um padrão a partir do qual comportamentos, aspirações e relações com Deus e sistemas econômicos são desenvolvidos e sacralizados. Argumenta que a análise teológica tem negligenciado a dimensão sexual, e que a sexualidade sempre é tratada como um aspecto final e inquestionável da teologia, e conclui defendendo a necessidade de uma Mujerologia que permita às mulheres latino-americanas refletirem teologicamente sem restrições. Encoraja também a integração da sexualidade em discussões sobre feminismo, teologia e economia.

[9] Maria, Mãe de Deus, Mãe dos Pobres. (Tradução nossa).
[10] Também pretendo investigar a relação entre Teologia da Libertação e Mariologia no Mestrado.

No capítulo 5, também escolhido para análise em nossa pesquisa, pois encerra a sua obra, Althaus-Reid se propõe a fazer uma análise mais sociológica e profunda entre as relações envolvendo cristianismo, teologia e as mulheres. Nas primeiras páginas do capítulo a autora diz que:

> O sujeito económico é um sujeito erótico, e as teorias económicas lidam com identidades únicas onde os componentes sexuais e raciais se inter-relacionam com construções de classe e gênero, produzindo resultados complexos em termos de opressão. Isto acontece porque os desejos económicos são um campo controverso, não é facilmente definido devido ao fato de que necessidades e desejos são negociados entre diferentes povos e culturas de diferentes maneiras, e todo o modelo erótico/econômico depende de definições e exclusões (ALTHAUS-REID, 2000, p 166)

O capítulo 5 se propõe a debater a relação entre a opressão de corpos femininos e corpos não heterossexuais (com recortes raciais) dentro da lógica teológica capitalista, e é dentre todos o capítulo mais complexo no tocante a multiplicidade de assuntos trabalhados, o que torna a análise dele um pouco complexa dada a superficialidade da maioria dos assuntos abordados. Muitas afirmações são feitas pela autora durante o capítulo, mas o espaço para o embasamento acadêmico para a conclusão dos pontos feitos se torna pequeno.

A autora inicia o capítulo discutindo o desenvolvimentismo e a teologia, explorando a interseção entre economia, política e sexualidade sob uma perspectiva crítica, enfatizando a importância de considerar as experiências cotidianas e o sofrimento de grupos marginalizados. Trabalha com a ideia de que a base do pensamento comum entre a teologia e o capitalismo é a heteronormatividade.

Esta força contribui para o desenvolvimento de identidades essenciais na sociedade capitalista, como as identidades e os papéis de gênero socialmente impostos através do sexo biológico. O capítulo trata então das conexões entre as teologias (que na visão da autora são todas pautadas em princípios heterossexuais) e o modelo neoliberal dominante no mundo capitalista. Althaus-Reid diz que “todas as teorias políticas são teorias sexuais com quadros teológicos de apoio” (ALTHAUS-REID, 2000, p. 176). A autora também diz que as teologias que mulheres pobres e mulheres não-heteronormativas recebem são diferentes das que os homens recebem. Vejamos:

> Normalmente, a teologia que mulheres e não-heterossexuais vêm recebendo há séculos é diferente daquela que os homens heterossexuais têm recebido. As divisões de classe e raça, para não mencionar as sexualidades, complicam esta fragmentação espiritual (ALTHAUS-REID, 2000, p.177).

O texto também argumenta que é essencial na teologia repensar e desafiar as suposições sexuais e de gênero nas discussões políticas, buscando uma visão mais inclusiva e diversificada. A autora argumenta que, mesmo em teologias feministas e da libertação, Jesus é apresentado como um ser neutro em relação ao sexo e isso não é suficiente para lutar com um discurso sexual dominante. Althaus-Reid diz que a categorização não-heterossexual em sociedades altamente patriarcais como a latino-americana é um ponto de tensão constante.

Complementa seu argumento de que toda teoria política é intrinsecamente sexual também ao falar que na ditadura militar argentina a junta militar sexualizava a ameaça comunista. Colocava os homens comunistas (os inimigos) como não-héteros e femininos, e as mulheres como sexualmente subversivas, como *brujas* (ALTHAUS-REID, 2000, p.186). A autora diz que:

> A Junta militar fetichizou o falo patriarcal e ligou-o simbolicamente a objetos como a picana elétrica, aquele dispositivo elétrico de tortura que ocupava uma posição privilegiada entre outras formas de tortura. A picana, bastão ou porrete, era uma ferramenta investida do poder machista e utilizada para fins de estupro sexual (Graziano 1992:158). Simbolicamente representavam uma forma de troca com os órgãos sexuais masculinos, um fetiche (ALTHAUS-REID, 2000, p.186).

Na conclusão do capítulo 5 Althaus-Reid defende uma abordagem teológica e política que incorpore a diversidade sexual e de gênero, e que transcenda a heteronormatividade, promovendo assim uma justiça econômica e sexual. Isso, na visão da autora, seria um encontro com o divino além das limitações das normas ideológicas tradicionais.

Para Pierre Bourdieu, autor que auxilia nossa análise, as relações entre o campo religioso, a ordem social e econômica, se reafirmam entre si, "A Igreja contribui para a manutenção da ordem política, ou melhor, para o reforço simbólico das divisões desta ordem" (BOURDIEU, 2007, p. 70), tal afirmação vai encontro com a argumentação de Althaus-Reid sobre a Teologia da Libertação não intencionalmente reforçar algumas estruturas de opressão, porém é preciso questionar se o único lugar onde a Teologia da Libertação reforça tais estruturas é no campo sexual, ou melhor, na falta de uma abordagem de análise para o mesmo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

S. N. Eisenstadt em *Múltiplas Modernidades*, nos diz que:

> A ideia de modernidades múltiplas pressupõe que a melhor forma de compreender o mundo contemporâneo - e também para explicar a própria história da modernidade - é vê-lo como uma história contínua de constituição e reconstituição de uma multiplicidade de programas culturais (EISENSTADT, 2007, p.140).

Analisar o mundo como uma história contínua de múltiplos programas culturais, é exatamente o que Althaus-Reid faz em Indecent Theology. A autora analisa, por exemplo, como os aspectos da *Conquista* latino-americana ainda influenciam as vivências, os corpos, a teologia e a economia que envolve mulheres pobres e pessoas queer. Marcella Althaus-Reid, não se posiciona contra a Teologia da Libertação na obra, mas constantemente reforça a ideia que esta não se posicionou de forma efetiva contra a dominação capitalista e a exploração da classe trabalhadora ao não questionar a heteronormatividade no sistema. Ela propõe então um movimento de *indecenciamento* da teologia para que tais efeitos sejam alcançados.

Marcella Althaus-Reid, apesar de fazer apontamentos muito pertinentes, acaba sendo anacrônica em sua análise da Teologia da Libertação. O movimento queer e pautas sobre identidades de gênero infelizmente não eram uma grande preocupação dos teólogos no momento em que a teologia da libertação estava sendo postulada. A sociedade ainda tratava (e trata) com muito preconceito e tabu tais temas e o maior impulso para a crítica era lutar contra a repressão da ditadura argentina. Dito isto, o quanto se pode exigir da teoria sexual para pensar os problemas sociais? A autora transparece que a maioria das respostas para lutar contra o patriarcado e o sistema de exploração neoliberal e capitalista está nos questionamentos que devem ser feitos à atual estrutura teológica, econômica e social (pois esta ainda é dominada pelo patriarcado), mas constantemente reforça que o recorte racial e de classe é imprescindível para que tais questionamentos sejam feitos, mas ela não se aprofunda nessas questões. Em *Mulheres, Raça e Classe*, Angela Davis explora a maneira como a opressão de classe se entrelaça com o racismo e o sexismo, afetando de maneira desproporcional as mulheres negras em termos de acesso a recursos, oportunidades e justiça social. É importante mencionar que apesar de a Teologia Indecente promover uma inclusão de agentes sociais antes não pensados dentro da Teologia da Libertação, ela deixa a desejar na interseccionalidade de recortes. Na página 23 de seu livro, Angela Davis diz que “As discussões incessantes sobre sua “promiscuidade sexual” ou seus pendores “matriarcais” obscureciam, mais do que iluminavam, a situação das mulheres negras durante a

escravidão". Nesta citação, Davis aponta a necessidade da interseccionalidade de análise quando se pensa o assunto Mulheres.

Althaus-Reid diz que seus apontamentos são sempre direcionados a mulheres pobres e pessoas queer, porém não se aprofunda em um recorte racial para fazer sua análise. Ele é brevemente mencionado nos capítulos como um passo crucial, mas não é aprofundado. Isto, a meu ver, é uma lacuna no movimento teórico proposto pela autora. Não é produtivo fazer uma análise sobre mulheres, o sistema capitalista e o cristianismo sem um aprofundamento devido nas questões raciais. Mulheres negras são ainda o maior contingente populacional pobre da américa latina, e as questões do racismo que perpassam suas vidas, estão presentes desde a *Conquista.* Marcella Althaus-Reid também constantemente critica as teologias feministas, e afirma que as mesmas reforçam opressões heteronormativas pois não questionam o quadro binário no qual a sociedade é pautada. Esta crítica se faz um pouco superficial também na obra por falta de desenvolvimento, visto que o maior objetivo do feminismo seria a libertação do patriarcado, e este é pautado em binariedade e heteronormatividade. Não acho que a teologia feminista esteja falhando neste aspecto, mas nenhum pensamento é livre de lapsos, e então, neste aspecto, a Teologia Indecente se faz um componente indispensável, pois traz à tona assuntos importantes e previamente não abordados academicamente. Neste sentido, Peter Berger (2017, p.133-149) nos diz que as relações entre o poder político, a economia e a religiosidade estão diretamente conectadas, e então, o movimento de *indecenciamento* de Althaus-Reid para melhor pensar as estruturas de opressão impostas pela economia através do campo religioso seria muito enriquecedor.

Através da leitura e análise de *Indecent Theology*, fica claro que o público para o qual o livro foi produzido era uma população acadêmica, pois assuntos complexos como feminismo, teologia da libertação, psicanálise e movimentos sociais são amplamente abordados.

O livro engloba muitos assuntos com amplos ângulos de análise, o que é admirável por sua retórica, mas ao mesmo tempo um tanto quanto desconcertante pela falta de argumentação e base bibliográfica de apoio envolvendo as (muitas) questões que a própria autora propõe.

Através da análise do livro, com foco na introdução, nos capítulos um e cinco, é possível observar que a autora não propõe uma nova teologia como era a hipótese inicial, e sim um movimento crítico de análise para a realidade de mulheres pobres latino-americanas e pessoas queer. O processo de *indecenciamento* proposto por Althaus-Reid é inovador, ao passo que antes nenhum teólogo havia proposto isso, e extremamente necessário para as questões que envolvem identidades marginalizadas

latino-americanas. Pensar teologia sem usar roupa íntima, como define a autora, traria muitos benefícios para pensar as dificuldades desses agentes sociais, ainda que o *indecenciamento* necessite de mais espaço de desenvolvimento crítico, ele se faz importante e necessário, nos anos 2000 quando o livro foi publicado ou nos dias atuais.

A análise do seu livro, aqui elaborada, nos dá pistas para um entendimento inicial do pensamento de Marcela Althaus-Reid, mas a compreensão efetiva da sua dinâmica teológico-política proposta requer outros investimentos de tempo e pesquisa – que pretendo desenvolver futuramente em uma tese de mestrado. Entender que a Teologia Indecente é um movimento crítico de análise e não uma proposta de teologia sistemática, é fundamental para seu propósito inerente, de ajudar a suprir as lacunas da Teologia da Libertação, e colaborar com uma inclusão de outros corpos que fujam das narrativas heteronormativas e patriarcais. Este entendimento foi o principal objetivo deste artigo.

REFERÊNCIAS

ALTHAUS-REID, Marcella. *Indecent Theology:* Theological perversions in sex, gender and politics. London: Routledge, 2000.

ALTHAUS-REID, Marcella. Polêmica e provocadora, a professora de Ética Cristã da Universidade de Edimburgo reivindica um Cristo bissexual. Entrevista concedida a Eliane Brum. *Revista Época*, Editora Globo, edição 329.

BERGER, Peter. A dessecularização do mundo: Uma visão global. In: Religião e Sociedade. Rio de Janeiro: n. 21/1, 2001. P. 9-23.

BERGER, Peter. *Os múltiplos altares da modernidade*. Rumo a um paradigma da religião numa época pluralista. Petrópolis/RJ: Vozes, 2017. Cap.5.Religião e modernidades múltiplas – p.138-157.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007. Cap.2. Gênese e estrutura do campo religioso (Item 4.Poder Político e Poder Religioso – P.69-78).

BÉLIVEAU, Verónica Giménez, Carbonelli Marcos Andrés. El hilo de la memoria: prácticas teológicas y político-religiosas del catolicismo liberacionista en Argentina. Sociedade e Cultura [en linea]. 2020, 23( ), [fecha de Consulta 16 de Agosto de 2023]. ISSN: 1415-8566. Disponible en: https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=70363367032

CAMURÇA, Marcelo Ayres. A militância de esquerda (cristã) de Leonardo Boff e Frei Betto: da Teologia da Libertação à mística ecológica. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (Org.). *Revolução e Democracia (1964 (...)* - As esquerdas no Brasil; v. 3). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 387-408.

COUTROT, Aline. Religião e Política. In: RÉMOND, René (Org.) *Por uma história política***.** 2.Ed. Rio de Janeiro: Ed.FGV, 2003. p.331-363.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

EISENSTADT, S. N.. Modernidades múltiplas. *Sociologia, Problemas e Práticas,* Oeiras , n. 35, p. 139-163, abr. 2001 . Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0873-65292001000100007&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 30 abr. 2019.

KONINGS Johan . Hermenêutica bíblica da Teologia da Libertação. Sociedade e Cultura [en linea]. 2020, 23( ), [fecha de Consulta 16 de Agosto de 2023]. ISSN: 1415-8566. Disponible en: https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=70363367018 . Acesso em: 16/08/2023.

LANZA, Fabio, Assis, Lenir Cândida de, Patrocino Luis Gustavo McGeorch Graham . Liberation Theology: problematizing the historical projects of democracy and human rights. Sociedade e Cultura [en linea]. 2020, 23( ), [fecha de Consulta 16 de Agosto de 2023]. ISSN: 1415-8566. Disponible en: https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=70363367034 .

LANZA, Fabio, Assis, Lenir Cândida de, Patrocino Luis Gustavo. Expressões, características e perspectivas do Cristianismo da Libertação. Sociedade e Cultura [en linea]. 2020, 23( ), [fecha de Consulta 16 de Agosto de 2023]. ISSN: 1415-8566. Disponible en: https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=70363367027

LÖWY, Michael. *O que é Cristianismo da Libertação:* religião e política na América Latina. 2. ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo: Expressão Popular, 2016.

LÖWY, Michael. As esquerdas na ditadura militar: o cristianismo de Libertação. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (Org.). *Revolução e Democracia.1964...* Coleção As esquerdas no Brasil. V.3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 303-320

LÖWY, Michael., Sofiati, Flávio Munhoz., & Andrade, Luis Martínez. (2020), "Cristianismo da Libertação e Teologia da Libertação na América Latina." Sociedade e Cultura, Vol. 23, núm. , pp. [Consultado: 27 de Julio de 2023]. ISSN: 1415-8566. Disponible en : https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=70363367031 . Acesso em : 16/08/2023.

LÖWY, Michael. O catolicismo latino-americano radicalizado. *Revista Estudos Avançados***,** 1989, v. 3, n. 5, p. 50-59. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v3n5/v3n5a05.pdf>.

ROSANVALLON, Pierre. Por uma história conceitual do político. In:_____. *Por uma história do político*. São Paulo: Alameda, 2010. P. 65-101.

RUTHER, Rosemay Radfort. Cristologia e feminismo: um Salvatore maschile può aiutare le donne? In: HUNT, Mary (Org.) *La sfida del femminismo ala teologia.* 2.ed. Brescia: Queriniana, 1985.

SILVA, Wellington Teodoro da, Baptista Paulo Agostinho N. . A revolução nas origens da esquerda católica brasileira e a Teologia da Libertação. Sociedade e Cultura [en linea]. 2020, 23( ), [fecha de Consulta 16 de Agosto de 2023]. ISSN: 1415-8566. Disponible en: https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=70363367015 .

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org.) *Por uma história política.* 2.ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2003. P.231-262.

VEIGA, Alfredo César. *Teologia da Libertação:* nascimento, expansão, recuo e sobrevivência da imagem do excluído dos anos 1970 à época atual. 2009. 298 f. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.